

Patologia das Doenças 4

Yvanna Carla de Souza Salgado
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Yvanna Carla de Souza Salgado

(Organizadora)

Patologia das Doenças

4

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P312 Patologia das doenças 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Yvanna Carla de Souza Salgado. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Patologia das Doenças; v. 4)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-87-1

DOI 10.22533/at.ed.871181411

1. Doenças transmissíveis. 2. Patologia. I. Salgado, Yvanna Carla de Souza. II. Série.

CDD 616.9

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Aspectos das doenças Infecciosas Bacterianas, Fúngicas e Virais” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora. Em seu volume IV, apresenta em seus capítulos, aspectos gerais e epidemiológicos das doenças infecciosas bacterianas, fúngicas e virais analisados em algumas regiões brasileiras.

As doenças infecciosas são causadas por agentes patogênicos como: bactérias, fungos, vírus, protozoários e parasitas. A maioria desses agentes infecciosos é transmitida através do contato fecal-oral, resultante da contaminação de água e alimentos, direta ou indiretamente.

Adicionalmente, temos um aumento da disseminação das infecções relacionadas à Assistência à Saúde, ou Infecções Hospitalares, que incluem infecções relacionadas a procedimentos ambulatoriais ou hospitalares, cuidados em domicílio e até as adquiridas por profissionais da saúde durante o desempenho de suas funções. O crescimento destas infecções se caracteriza como um grave problema de saúde pública, em especial pelo aumento da resistência microbiológica aos tratamentos disponíveis. Neste sentido, é extremamente importante que os profissionais que atuam na área da saúde conheçam os agentes infecciosos e as respectivas características patogênicas que acometem os seres humanos.

A importância em estudar e desenvolver aspectos relacionados à microbiologia objetiva principalmente a prevenção de certas doenças, impedindo a disseminação das infecções. Neste volume IV, dedicado às doenças infecciosas, reunimos um compilado de artigos com estudos dirigidos sobre doenças infecciosas bacterianas, fúngicas e virais em regiões brasileiras, com o intuito de ampliar o conhecimento dos dados epidemiológicos, contribuindo assim para a formulação de políticas públicas de apoio dirigidas às diferentes características regionais deste país continental.

A obra é fruto do esforço e dedicação das pesquisas dos autores e colaboradores de cada capítulo e da Atena Editora em elaborar este projeto de disseminação de conhecimento e da pesquisa brasileira. Espero que este livro possa permitir uma visão geral e regional das doenças tropicais e inspirar os leitores a contribuírem com pesquisas para a promoção de saúde e bem estar social.

Yvanna Carla de Souza Salgado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SEPSE: DIFICULDADES NA APLICAÇÃO DE PROTOCOLO EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA	
<i>Ana Luiza Gomes Corteletti</i>	
<i>Dyanne Moysés Dalcomune</i>	
<i>Gabriela Caou Rodrigues</i>	
<i>Larissa Guimarães Sardenberg de Almeida</i>	
<i>Rafaela Reis Ferrazo</i>	
CAPÍTULO 2	6
BACTÉRIAS PREDOMINANTES NAS INFECÇÕES RELACIONADAS À ASSISTÊNCIA À SAÚDE EM UMA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NO CONE SUL DE RONDÔNIA	
<i>Aline Brito Lira Cavalcante</i>	
<i>Marciano Monteiro Vieira</i>	
<i>Paula Cristina de Medeiros</i>	
<i>Rasna Piassi Siqueira</i>	
<i>Wellen Kellen Rodrigues Soares</i>	
<i>Wiliam Helber Mota</i>	
<i>Marco Rogério Silva</i>	
<i>Ângela Antunes de Moraes Lima</i>	
<i>Teresinha Cícera Teodoro Viana</i>	
<i>Juliana Perin Vendrusculo</i>	
CAPÍTULO 3	18
AVALIAÇÃO MICROBIOLÓGICA DE MÃOS DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE DE UM CENTRO DE TERAPIA INTENSIVA (CTI) DE UM HOSPITAL PÚBLICO EM BELÉM – PARÁ.	
<i>Ana Judith Pires Garcia Quaresma</i>	
<i>Ademir Ferreira da Silva Júnior</i>	
<i>Karla Valéria Batista Lima</i>	
CAPÍTULO 4	28
CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS CONFIRMADOS DE MENINGITE NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO – 2007 A 2016	
<i>Júlia Aguiar Costa</i>	
<i>Lorena Carvalho de Freitas</i>	
<i>Gilton Luiz Almada</i>	
CAPÍTULO 5	34
OCORRÊNCIA DE ACINETOBACTER BAUMANNII ISOLADOS DE PACIENTES INTERNADOS EM UM HOSPITAL DE ENSINO NO INTERIOR DO CEARÁ	
<i>Ana Jessyca Alves Moraes</i>	
<i>Izabelly Linhares Ponte Brito</i>	
<i>Xhaulla Maria Quariguasi Cunha Fonseca</i>	
<i>Jisbaque Melo Braga</i>	
<i>Vicente de Paulo Teixeira Pinto</i>	
<i>Francisco Cesar Barroso Barbosa</i>	
CAPÍTULO 6	45
DRUGS USED TO STRAINS OF TREATMENT METHICILLIN RESISTANT STAPHYLOCOCCUS AUREUS	
<i>Onásss Boeri de Castro</i>	
<i>Raida Alves Lima</i>	
<i>Letícia Helena de Carvalho</i>	
<i>Yasmin Dene</i>	
<i>Myrna Gelle Oliveira</i>	
<i>Gracianny Gomes Martins</i>	

CAPÍTULO 7 53

INFECÇÕES POR PSEUDOMONAS AERUGINOSA: ASPECTOS CLÍNICOS, MICROBIOLÓGICOS E MOLECULARES

Yan Corrêa Rodrigues
Edilene do Socorro Nascimento Falcão Sarges
Marília Lima da Conceição
Eliseth Costa Oliveira de Matos
Naiara de Jesus Pantoja Gomes
Ana Judith Garcia Quaresma
Karla Valéria Batista Lima

CAPÍTULO 8 70

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE COM SÍNDROME DE FOURNIER

Tiago Ferreira Dantas
Chrisllaine Rodrigues Maciel
Mayara Priscilla Santos Silva
Suzanne Barros de Albuquerque
Ótamis Ferreira Alves
Tamiris Machado Laurentino

CAPÍTULO 9 79

ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA COQUELUCHE NO ESTADO DE ALAGOAS

Elinadja Targino do Nascimento
Tatiane da Silva Santos
Raniella Ramos de Lima

CAPÍTULO 10 87

APLICAÇÃO DE MÉTODOS FENOTÍPICOS E MOLECULARES NO ESTUDO DA FEBRE TIFOIDE NO ESTADO DO PARÁ, BRASIL.

Daniela Cristiane da Cruz Rocha
Yago Kazuhiro Kanai
Stephanie Jamilly Padinha Cardoso
Haroldo José de Matos
Anderson Nonato do Rosario Marinho

CAPÍTULO 11 99

ASPECTOS BIOLÓGICOS, EPIDEMIOLÓGICOS, HISTOPATOLÓGICOS, DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DAS MICOBACTÉRIAS NÃO TUBERCULOSAS

Carina Scanoni Maia
Fernanda das Chagas Angelo Mendes Tenorio
Juliana Pinto de Medeiros
Luciana Maria Silva de Seixas Maia
Karina Maria Campello
Gyl Everson de Souza Maciel

CAPÍTULO 12 109

IDENTIFICAÇÃO E PREVALÊNCIA DE MICOBACTÉRIAS NÃO TUBERCULOSAS EM UM HOSPITAL TERCIÁRIO NO SUL DO BRASIL

Gynara Rezende Gonzalez do Valle Barbosa
Jéssica D'Agostini Tebaldi
Teresinha Joana Dossin

CAPÍTULO 13 120

A TUBERCULOSE NA REGIÃO NORTE DA BAHIA: UMA SÉRIE HISTÓRICA DE 2010 A 2017.

Walter Ataalpa de Freitas Neto
Olivia Ferreira Pereira de Paula
Camila Nascimento Santana

CAPÍTULO 14	130
ÓBITOS POR TUBERCULOSE: UM DESAFIO PARA SAÚDE PÚBLICA NO ESTADO DE MATO GROSSO	
<i>Josilene Dália Alves</i>	
<i>Camila da Silva Souza</i>	
<i>Amanda Maria Urei Rodrigues</i>	
<i>Ricardo Alexandre Arcêncio</i>	
CAPÍTULO 15	138
PERFIL DAS INTERNAÇÕES POR TUBERCULOSE NA CIDADE DE SÃO LUÍS-MA	
<i>Alexandre Lima Ferreira Neto</i>	
<i>Dorlene Maria Cardoso de Aquino</i>	
<i>Janielle Ferreira de Brito Lima</i>	
<i>Maria de Fátima Lires Paiva</i>	
<i>Regina Maria Abreu Mota</i>	
<i>Thaise Almeida Guimarães</i>	
<i>Andrea de Jesus Sá Costa Rocha</i>	
CAPÍTULO 16	149
INCIDÊNCIA E MORTALIDADE POR TUBERCULOSE EM INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS DE MATO GROSSO, BRASIL, 2001 -2015	
<i>Tony José de Souza</i>	
<i>Marina Atanaka</i>	
<i>Mariano Martinez Espinosa</i>	
CAPÍTULO 17	161
TUBERCULOSE EM UNIDADE PRISIONAL: DOENÇA TRANSMISSÍVEL INVISÍVEL	
<i>Alecsandra B. M. Oliveira</i>	
<i>Ana Cláudia M. Santana</i>	
<i>Francisco Célio Adriano</i>	
<i>Eronyce Rayka de Oliveira Carvalho</i>	
<i>Maria Soraya P. Franco Adriano</i>	
CAPÍTULO 18	170
TUBERCULOSE ANAL: DESAFIO DIAGNÓSTICO EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE ALAGOAS - UM RELATO DE CASO	
<i>Mariana Lages Sarmiento Barbosa</i>	
<i>Juliana Arôxa Pereira Barbosa</i>	
<i>Rawanderson dos Santos</i>	
<i>Vanderson Reis de Sousa Brito</i>	
<i>Fernanda Ferraz e Silva</i>	
<i>Mariana Holanda Gameleira</i>	
<i>Valná Brandão de Wanderley Uchôa</i>	
CAPÍTULO 19	177
RELATO DE CASO DE DISSEMINAÇÃO HEMATOGENICA DA TUBERCULOSE SEMELHANTE A CASOS DA ERA PRÉ-ANTIBIÓTICA	
<i>João G. A. B. Guimarães</i>	
<i>Amanda R. da Silva</i>	
<i>Luanna M. S. Bezerra</i>	
<i>Lealdo R. de A. Filho</i>	
<i>Helio V. dos S. Júnior</i>	
<i>João A. R. Neto</i>	
<i>Juliana Arôxa</i>	

CAPÍTULO 20	179
A RELEVÂNCIA DA CULTURA NO DIAGNÓSTICO DA TUBERCULOSE NA ERA DO XPERT MTB/RIF®	
<i>Thaynan Sama Alves de Oliveira</i>	
<i>Ana Paula Mariano Ramos</i>	
<i>Haiana Charifker Schindler</i>	
<i>Ana Albertina Araújo</i>	
<i>Michelle Christiane da Silva Rabello</i>	
CAPÍTULO 21	187
MICROBIOTA FÚNGICA EM AMBIENTE BIBLIOTECÁRIO HOSPITALAR NA CIDADE DE GOIÂNIA/GO-BRASIL E IMPLICAÇÃO NA SAÚDE DOS PACIENTES E DOS TRABALHADORES DE SAÚDE	
<i>Evandro Leão Ribeiro</i>	
<i>Clever Gomes Cardoso</i>	
<i>Maria de Lourdes Breseghelo</i>	
<i>Flávia Liara Massaroto Cessel Chagas</i>	
CAPÍTULO 22	196
ÁGUA POTÁVEL COMO VEÍCULO DISSEMINADOR DE FUNGOS: ANÁLISE HÍDRICA DOS PONTOS CARDEAIS DA CIDADE DE GOIÂNIA-GO/BRASIL	
<i>Clever Gomes Cardoso</i>	
<i>Evandro Leão Ribeiro</i>	
<i>Maria de Lourdes Breseghelo</i>	
<i>Flávia Liara Massaroto Cessel Chagas</i>	
CAPÍTULO 23	202
TRATAMENTO DA PARACOCCIDIOIDOMICOSE COM ITRACONAZOL EM COMPARAÇÃO COM COTRIMOXAZOL	
<i>Suzane Eberhart Ribeiro da Silva</i>	
<i>Anamaria Mello Miranda Paniago</i>	
CAPÍTULO 24	213
RELAÇÃO DA INFECÇÃO POR ROTAVÍRUS A FATORES HIGIÊNICO SANITÁRIO, EM CRIANÇAS DE ATÉ CINCO ANOS COM GASTROENTERITE INTERNADAS NO HOSPITAL INFANTIL COSME E DAMIÃO EM PORTO VELHO - RO.	
<i>Nayana Hayss Araújo da Silva</i>	
<i>Dara Nyanne Campos Martins</i>	
<i>Tamaira Barbosa dos Santos Silva</i>	
<i>Núcia Cristiane da Silva Lima</i>	
<i>Flávia Serrano Batista</i>	
<i>Najla Benevides Matos</i>	
<i>Leidiane Amorim Soares Galvão</i>	
CAPÍTULO 25	215
PROMOÇÃO DE HÁBITOS DE HIGIENE PARA PREVENÇÃO DE DOENÇAS EM CRECHES	
<i>Aline Dias Horas</i>	
<i>Sheila Elke Araújo Nunes</i>	
<i>Márcia Guelma Santos Belfort</i>	
CAPÍTULO 26	225
O ENSINO DE MICROBIOLOGIA: DESAFIOS NOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS DO INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS (IFG)	
<i>Tamiris Augusto Marinho</i>	
<i>Patrícia Silva Nunes</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	238

PROMOÇÃO DE HÁBITOS DE HIGIENE PARA PREVENÇÃO DE DOENÇAS EM CRECHES

Aline Dias Horas

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL - Imperatriz (MA)

Sheila Elke Araújo Nunes

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL - Imperatriz (MA)

Márcia Guelma Santos Belfort

Unidade de Ensino Superior do Sul do Maranhão - UNISULMA - Imperatriz (MA)

RESUMO: Crianças que recebem cuidados em creches ou pré-escolas possuem um grande risco para adquirir infecções aumentado de duas a três vezes mais, tanto na saúde individual como na disseminação de doenças à comunidade. O objetivo foi conscientizar crianças, professores e demais envolvidos nos cuidados de alunos de creches da importância de bons hábitos de higiene. Foi selecionada uma creche da rede municipal de Imperatriz, MA, cadastrada no Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas com alunos de 2 a 4 anos de idade. Durante a preparação das oficinas foi realizada pesquisa bibliográfica. As oficinas foram realizadas de forma lúdica. O meio de cultura com Nutrient Agar foi preparado no laboratório de Ciências da Saúde, e distribuído em placas de petri, que foram divididas em quatro partes de acordo com o procedimento de higienização das mãos, para a coleta do material bacteriológico.

Foram realizadas 15 oficinas e participaram um total de 195 crianças. Das 42 placassomente 22 foram utilizadas, e 20 analisadas. As áreas A e B como haviam sido as partes em que as crianças friccionaram o dedo com nenhuma higienização e higienização de costume, apresentaram maior crescimento comparadas a região C onde houve a realização de higienização correta. Comparando as áreas B e C, notou-se que a C possuía um menor crescimento em relação a B demonstrando a eficiência da técnica correta de assepsia na diminuição de agentes patológicos. A região D era somente para controle. Ações de ensino voltados para a promoção a saúde de forma lúdica, produz conhecimentos nessa fase da vida que podem permanecer a longo prazo, trazendo retornos significativos a comunidade escolar e principalmente a saúde dessas crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Higiene; Doenças infecciosas; Medidas preventivas; Saúde infantil.

1 | INTRODUÇÃO

Historicamente o atendimento de crianças que se enquadravam na fase anterior a escolaridade obrigatória, inicialmente foi destacada grandemente por iniciativas que privilegiavam a guarda dessas crianças. A educação infantil tinha por objetivo atender

crianças pobres e por isso era construída com base na lógica da pobreza, ou seja, o trabalho prestado por esses centros, sendo eles oferecidos pelo poder público ou entidades religiosas e filantrópicas, não eram declaradas um direito das crianças e de suas famílias, e sim uma doação sem muitos investimentos destinada a população mais carente (BRASIL, 2006).

Somente a partir dos anos 70 foi que a sociedade civil lutou de forma organizada em prol de novas propostas para a implantação de creches e pré-escolas através da legitimação por meio da Constituição Federal de 1988. A educação infantil a partir desse momento tornou-se um dever do Estado e direito da criança apesar de não ser obrigatório (VERÍSSIMO; FONSECA, 2003).

Nos últimos anos do século XIX ao início do século XX, o Estado começou a participar mais diretamente nos cuidados ligados a infância, tendo um papel inicial como um agente fiscalizador e regulamentador dos serviços realizados pelas entidades filantrópicas e assistenciais (ANDRADE, 2010).

No Brasil existe muitos ambientes destinados à educação infantil de crianças menores de 6 anos que na maioria das vezes funciona em condições de precariedade. Serviços considerados básicos e fundamentais como água, esgoto sanitário e energia elétrica não estão disponíveis nesses centros educacionais. Outro fator é a carência de uma infraestrutura adequada nesses espaços que podem afetar tanto a saúde física quanto o desenvolvimento integral desses infantes (BRASIL, 2006).

Crianças que recebem cuidados em creches ou pré-escolas possuem um grande risco para adquirir infecções aumentado de duas a três vezes mais, tanto na saúde individual como na disseminação de doenças à comunidade. Esse risco se associa, as características desses centros infantis e a outros fatores, sendo importante a execução de medidas preventivas simples porém efetivas para a redução da transmissão de doenças. Entre estas, é recomendado: a lavagem apropriada das mãos; rotina padronizada para troca e descarte de fraldas usadas, localização e limpeza área de troca, limpeza e desinfecção de áreas contaminadas; uso de lenços descartáveis para assoar o nariz; funcionários e área exclusivos para a manipulação de alimentos; notificação das doenças infecciosas; treinamento de funcionários e orientação dos pais (NESTI; GOLDBAUM, 2007).

Em 2009 o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) através de um relatório divulgaram que no mundo cerca de 88% das mortes por diarreia estão atreladas a má qualidade da água, falta de saneamento básico e de higiene. Os bons hábitos de higiene e a disponibilidade de água potável as comunidades carentes, previnem de forma eficaz a ocorrência de diarreia infantil. A higienização simples das mãos com sabão e água reduz a incidência de doenças diarreicas em mais de 40%, o que torna essa prática uma das intervenções de maior eficácia na redução da mortalidade infantil por essa causa (UNICEF, 2009).

Espaços como as creches são instituições que se tornam responsáveis pela promoção do desenvolvimento infantil em diversos aspectos, já que esses locais

possibilitam que o indivíduo desenvolva de modo benéfico à integridade física e psicológica infantil. Na construção educativa da criança, tais instituições assumem um importante papel, pois nelas as crianças permanecem maior parte do dia interagindo entre si e com o ambiente, e isso atribui uma grande responsabilidade da instituição em vista da necessidade infantil, incluindo a educação de hábitos saudáveis (SOUZA et al., 2010). Sendo assim a educação uma grande aliada a saúde para o desenvolvimento de hábitos que irão auxiliar essas crianças na prevenção de doenças infecciosas.

2 | MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 Local de estudo

O projeto foi executado em apenas uma creche da rede municipal de Imperatriz, cadastrada no Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) com alunos da faixa etária de 2 a 4 anos de idade. A creche Risco e Rabisco fica localizada na Rua Alagoas, nº1290 no bairro Nova Imperatriz.

2.2 Oficinas realizadas

Foram realizadas na creche as oficinas e palestras abordando os seguintes temas:

- Importância de bons hábitos de higiene;
- Importância da prática correta de tomar banho, lavar cabelos e corte das unhas;
- Técnica correta de lavagem das mãos;
- Demonstrar presença de microrganismos que podem causar danos à saúde presentes nas mãos e unhas;
- Doenças, bacterianas e parasitárias, causadas por falta de higiene;

Durante a preparação das oficinas e palestras foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com revisão da literatura, nas plataformas LILACS, PubMed, Portal de Periódicos Capes, Bireme e Embase. Para cada oficina a ser realizada foi elaborado um roteiro (Apêndice) com os objetivos e materiais a serem utilizados. Na execução das oficinas foi utilizado data show (para exibir apresentações em Power point e filmes didáticos), materiais de higiene pessoal, brincadeiras lúdicas, músicas, histórias, tinta guache, toalhas, bacia, cartazes (Figuras 1 a 7).



Figuras 1 a 7: Criança participando das oficinas realizadas na creche.

2.3 Preparação do meio de cultura e coleta

A preparação do meio Ágar-ágar foi realizada no laboratório de Ciências da Saúde da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) utilizando Nutrient Agar (HIMEDIA®) (Figura 8), Erlenmeyer, balança de precisão (Figura 9), água destilada, bastão de vidro e micro-ondas (Brastemp) (Figura 10), Bancada de Fluxo Laminar Vertical (Pachane®) (Figura 11), Estufa Bacteriológica (SPLABOR®) (Figura 12).

O preparo do meio de cultura com o Nutrient Agar, foi realizado de acordo com as orientações do fabricante presentes no rótulo do produto, que indicava o uso de 28 gramas de Ágar (pesado na balança de precisão em um copo descartável) a cada 1000 ml de água destilada, diluindo bem a solução em um Bequer com o auxílio de um bastão de vidro e colocado no micro-ondas por apenas 5 minutos para homogeneizar, em seguida a solução foi transferida para um Erlenmeyer tampado com uma boneca

feita com gaze e algodão em seguida colocadona autoclave durante 15 minutos.

Os materiais a serem utilizados, meio de cultura, o bico de Bunsen, placas de petri esterilizadas, bisturi (para dividir o meio quando solidificado), fósforos, plástico filme, tesoura e pincel preto foram todos colocados na Bancada de Fluxo Laminar Vertical depois de ser devidamente higienizada com álcool 70%. Depois foi fechada e ligada a luz UV da bancada durante 15 minutos se afastando do local por segurança.

Em seguida o meio foidistribuído ainda quente em 42 placas de petri previamente esterilizadas na autoclave. Depois que o meio se solidificou nas placas foi dividido em forma de cruz com o auxílio de um bisturi, em quatro partes (A, B, C e D) para que a criança passasse o dedo indicador em cada divisão da seguinte forma: A - sem nenhum tratamento prévio nas mãos; B – com as mãos lavadas como de costume; C - com as mãos lavadas corretamente esfregando sabão entre os dedos, leito ungueal e dorso da mão e palma da mão; D - conservar o último ¼ como controle (Figura 13). Fora da placa também foi marcado em cruz conforme a divisão do meio de cultura e identificadas as áreas de A a D com um pincel permanente preto.

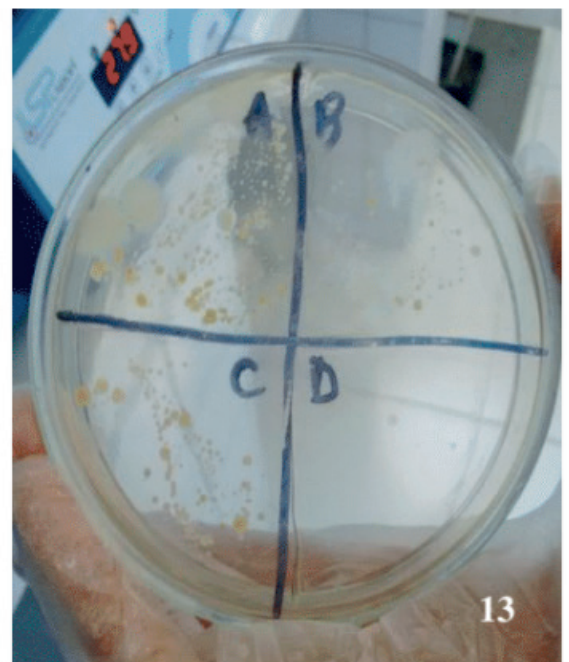
As placas foram embaladas com plástico filme e depois foram acondicionadas na geladeira. A coleta de material bacteriológico presente nas mãos das crianças ocorreu no dia 07 de junho na creche e foi auxiliada por uma equipe (Figuras 14). Depois da coleta as amostras foram levadas para o laboratório de Ciências da Saúde e colocadas na estufa bacteriológica por 48 horas a 37°C para o crescimento das colônias. Após esse tempo as placas foram analisadas em relação ao crescimento em cada divisão da placa, comparando principalmente as áreas B e C nas quais a criança friccionou o dedo com a lavagem das mãos como de costume e a lavagem correta respectivamente, e notou-se que a área C possuía um menor crescimento do que a B demonstrando a eficiência da técnica correta de assepsia na diminuição de agentes patológicos nas mãos (Figuras 15).



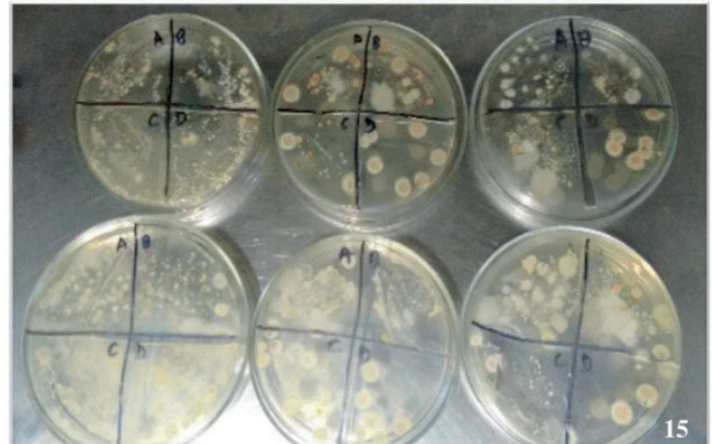
Figura 8 e 9: Nutrient Agar e balança de precisão



Figuras 10 e 11: Micro-ondas e Bancada de fluxo laminar vertical.



Figuras 12 e 13: Estufa bacteriológica e placa teste dividida em quatro partes (A, B, C e D) contendo crescimento bacteriológico no meio nutritivo.



Figuras 14 e 15: Bolsista realizando coleta de material bacteriológico na creche e placas da coleta com crescimento bacteriano após ter ido para a estufa.

2.4 Palestra sobre os cuidados na infância e a confecção da cartilha para cuidadores e pais

Será realizada na Creche uma palestra direcionada aos educadores, gestores, funcionários da instituição e os pais dos alunos com o intuito de mostrar as ações realizadas pelo projeto e algumas medidas profiláticas e hábitos de higiene necessários nesse ambiente para manter a saúde dos infantes. Será também entregue a cartilha confeccionada pela equipe com informações sobre o projeto e um guia de como higienizar corretamente as mãos.



Figura 16: Capa da cartilha desenvolvida pela equipe do projeto.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram realizadas 15 oficinas nas turmas da creche e participaram um total de 195 crianças na faixa etária de 2 a 4 anos de idade. As temáticas trabalhadas nas oficinas auxiliaram as educadoras a reforçarem ainda mais a importância dos hábitos de higiene entre as crianças. Sendo beneficiado com essa geração de informações sobre educação em saúde de forma direta ou indireta, as crianças, educadores e pais, pelas ações do projeto.

A educação deve promover a proteção à saúde, bem como propor a criação de medidas para a conquista dos direitos de cidadania. Sendo assim, a escola desempenha um papel muito importante ao ajudar a capacitar os indivíduos para uma vida mais saudável. A educação não deve se limitar apenas na transmissão de informações, pois os hábitos somente se tornarão concretos quando impulsionarem mudanças de comportamentos. Por isso é preciso que toda comunidade escolar de fato vivencie a prática de melhores hábitos de higiene além de transmiti-los (BRASIL, 2008).

Das 42 placas com ágar nutriente preparadas em laboratório somente 22 foram utilizadas na coleta que foi realizada em duas turmas que foram selecionadas. Das 22, duas foram descartadas devido a contaminação por larvas de insetos. Dentre as 20 placas que foram analisadas entre si em relação ao crescimento bacteriológico em cada divisão da placa, as áreas A e B como haviam sido as partes em que as crianças friccionaram o dedo com nenhuma higienização prévia das mãos e higienização realizada como de costume por elas mesmas, respectivamente, essas apresentaram um crescimento maior quando comparadas a região C onde as crianças friccionaram o dedo depois da realização de higienização correta das mãos. Foram comparadas também as áreas B e C (higienização de costume e a correta respectivamente), e notou-se que a área C possuía um menor crescimento em relação a área B demonstrando a eficiência da técnica correta de assepsia na diminuição de agentes patológicos nas mãos.

A importância da higienização das mãos na prevenção da transmissão de microrganismos é baseada na capacidade da pele em abrigar e transferir para outra, por contato direto, pele com pele, ou indireto, por meio de objetos. A utilização simples de água e sabão pode reduzir a população microbiana presente nas mãos e, na maioria das vezes, interrompe a cadeia de transmissão de doenças. A aplicação de produtos antissépticos, em especial, de agentes com base alcoólica, pode reduzir ainda mais os riscos de transmissão, pela intensificação da redução microbiana ou por favorecer um aumento na frequência de higienização das mãos (OLIVEIRA; PAULA, 2011).

No que diz respeito a propensão ao acometimento de infecções entre os sexos, as meninas a partir dos três meses, passam a ser mais acometidas e as infecções principalmente nos pré-escolares estão associadas a anormalidades congênitas. Nesta fase, o risco para a menina é de cerca de 4,5% e para o menino de 0,5%. As

infecções recorrentes são frequentemente sintomáticas e acredita-se que os danos renais resultantes das infecções do trato urinário ocorram durante este período da vida. Nos escolares a prevalência de bacteriúria é de 1,2% nas meninas e de 0,03% nos meninos, sendo em geral assintomática. (ANVISA, 2004).

Acredita-se ainda que, as crianças que estudam em creches, muitas vezes, são de famílias com baixas condições socioeconômicas e com pais de baixa escolaridade, fatores que podem aumentar significativamente os riscos do aparecimento de doenças (NESTI; GOLDBAUM, 2007).

Para a divulgação das ações do projeto será realizada uma palestra com os gestores, educadores, pais e demais funcionários da instituição para apresentar os resultados gerados pelo projeto e a apresentação da cartilha que foi confeccionada a partir das ações e um guia sobre a higienização das mãos.

4 | CONCLUSÃO

Introduzir de forma didática práticas que promovam a saúde no ambiente escolar, se faz de grande importância para a comunidade que é atendida nessas instituições, que no caso das creches é representada por uma população vulnerável e carente quando se trata de unidades públicas, pois esses indivíduos na maioria das vezes são suscetíveis a contraírem agentes infecciosos que podem prejudicar sua saúde. Medidas simples de higiene como lavar bem as mãos, podem minimizar os riscos que esses indivíduos de saúde fragilizada têm de adquirir certas doenças em um ambiente fechado e aglomerado de pessoas.

Ações de ensino voltados para a promoção a saúde de forma lúdica e interativa, produz conhecimentos nessa fase da vida que podem permanecer a longo prazo, trazendo retornos significativos a comunidade escolar e principalmente a saúde dessas crianças.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. B. P. Educação infantil: na trilha do direito. In: _____. **Educação infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais. São Paulo: Editora UNESP, 2010. 193 p.

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Principais Síndromes Infecciosas**. Brasília: Anvisa, 2004. 67 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Módulo 12**: higiene, segurança e educação. / Ivan Dutra Faria, João Antônio Cabral Monlevade. – Brasília: Universidade de Brasília, 2008. 75 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros básicos de infraestrutura para instituições de educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2006. 45 p.

FERREIRA, E. A. **Projeto Educação e Saúde: a importância das medidas de higiene para a profilaxia de doenças parasitárias**. 2008. 15 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix – Belo Horizonte, 2008.

NESTI, M. M. M.; GOLDBAUM, M. Infectious diseases and daycare and preschool education. **Jornal de pediatria**, v. 83, n. 4, p. 299-312, 2007.

OLIVEIRA, A. C.; PAULA, A. O. Monitoração da adesão à higienização das mãos: uma revisão de literatura. **Acta Paul Enferm**. Belo Horizonte, v. 24, n 3, p. 407-13, 2011.

SOUZA, M. M. A.; ENUMO, S. R. F.; PEREIRA, C. M.; BARBOZA, E. D. A.; VITAL, F. A.; MENDES, K. B.; BEZERRA, R. S. A inserção do lúdico em atividades de educação em saúde na creche-escola Casa da Criança, em Petrolina-PE. **Revista de Educação do Vale do São Francisco**. Petrolina, PE, v. 1, n. 1, p. 39-49, jun. 2010.

UNICEF e OMS lançam relatório sobre diarreia, a segunda maior causa de mortalidade infantil. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/media_16165.html>. Acesso em: 19 ago. 2017.

VERÍSSIMO, M. D. L. Ó. R.; FONSECA, R. M. G. S. Funções da creche segundo suas trabalhadoras: situando o cuidado da criança no contexto educativo. **Rev Esc Enferm USP**, v. 37, n. 2, p. 25-34, 2003.

AGRADECIMENTOS

A Divisão de Extensão e Assuntos Comunitários – DIVEXT da Universidade Estadual da Região Tocantina do Sul do Maranhão (UEMASUL), vinculado a Pró-reitoria de Gestão e Sustentabilidade Acadêmica – PROGESA/UEMASUL pela concessão da bolsa, a minha orientadora DSc. Sheila Elke Araújo Nunes e aos meus colegas do laboratório de Ciências da Saúde pela colaboração nas etapas do projeto. Aos gestores e funcionários da Creche Risco e Rabisco por terem aceitado a execução das ações do projeto.

SOBRE A ORGANIZADORA

Yvanna Carla de Souza Salgado Possui graduação em Farmácia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2004), Habilitação em Análises Clínicas (2005), Especialização em Farmacologia (UNOPAR/IBRAS - 2011), Mestrado em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2013) e Doutorado em Biologia Celular e Molecular pela Universidade Federal do Paraná (2017). Possui experiência técnica como farmacêutica e bioquímica e atualmente trabalha com os temas: farmacologia, biologia celular e molecular e toxicologia.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-87-1



9 788585 107871